

**sinopse** Num tempo e num espaço por definir, um pai (Christos Stergioglou), uma mãe (Michele Valley) e três filhos adolescentes - um rapaz e duas raparigas (Aggeliki Papoulia, Mary Tsoni e Hristos Passalis) - vivem numa casa cercada por uma vedação. Nenhum dos filhos atravessou alguma vez aquele espaço e todo o conhecimento que têm da vida foi-lhes transmitido pelos pais, que empregam todo o tipo de embustes para suavizar o que ambos consideram ser prejudicial para a sua educação. O pai, trabalhador, é o único a sair da clausura e é quem compra tudo o que é necessário para uma vida "normal". Para acalmar os ímpetos sexuais do filho mais velho, o pai traz Cristina (Anna Kalaitzidou) a conhecer a família. Mas um dia ela quebra as regras e mostra a uma das raparigas algo que ela nunca deveria chegar a conhecer...

**Vencedor do prémio Un Certain Regard no festival de Cannes e do Grande Prémio do Estoril Film Festival em 2009, uma história inquietante, sobre a alienação e controlo em nome do amor, realizada pelo grego Yorgos Lanthimos.**

**ficha técnica** Título original: Kynodontas (Grécia, 2009, 91 min.)  
Realização: Yorgos Lanthimos  
Interpretação: Christos Stergioglou, Michelle Valley, Aggeliki Papoulia, Christos Passalis  
Argumento: Yorgos Lanthimos, Efthimis Filippou  
Produção: Yorgos Tsoyrgiannis  
Fotografia: Thimios Bakatakis  
Montagem: Yorgos Mavropsaridis  
Estreia: 29 de Julho de 2010  
Distribuição: Clap filmes  
Classificação: M/18  
Página Oficial: <http://www.dogtooth.gr/>



## **Cavernícolas**

Por Luís Miguel Oliveira, Público de 29 de Julho de 2010

**Giorgios Lanthimos filma os gestos e os sinais que compõem um regime familiar concentracionário num registo seco que evita a retórica demonstrativa de Michael Haneke**

Os gregos têm queda para alegorias, como bem sabemos. E "Canino", não sendo o mais platónico filme do mundo, é dos mais cavernícolas que vimos nos últimos tempos. Felizmente, Giorgos Lanthimos filma mais a caverna do que a alegoria - e o seu registo muito "matter of fact", muito directo, às vezes muito seco, impede que "Canino" se deixe invadir pelo peso retórico e demonstrativo que frequentemente se encontra nos filmes de Michael Haneke (a quem imaginamos facilmente a filmar uma história parecida, e é outro adepto do tipo de "negrum civilizacional" que "Canino" explora).

A situação é simples, mas não imediatamente perceptível. Começamos, aliás, por uma cena em tom de poesia absurdista: três miúdos, ou enfim, três jovens adultos (um rapaz e duas raparigas), num ambiente muito branco, ouvem uma espécie de "dicionário gravado" que para cada palavra propõe uma definição errónea mas, nalguns casos, estranhamente bonita - ficamos assim a saber que naquele universo uma carabina é "um belo pássaro branco" (assim como, mais tarde no filme,

daquilo que a legendagem escolheu traduzir por "pachacha" será proposto como entendimento que se trata de uma "luz". O que se passa, na verdade, é que um pequeno industrial grego (sobre cuja saúde mental nunca seremos elucidados - tudo é mesmo "matter of fact") decidiu criar e manter os seus três filhos numa "caverna" protegida do exterior. A caverna é a casa familiar, e o exterior é o mal absoluto, o perigo constante, a ameaça total. Um mundo de ficção, ritualizado e codificado como um universo mítico (é aqui que entram as abundantes referências aos "caninos", sejam eles dentes ou, de facto, canídeos).

Lanthimos descreve este "mundo" - espaço concentracionário, espaço totalitário - a partir das ficções que o sustentam e das acções que lhe garantem a ordem. A presença dos aviões é conspícua, sejam os que cruzam os céus sejam os aviões de brinquedo: o "medo permanente" que é instilado aos miúdos tem pontos de contacto evidentes com o quotidiano do mundo ocidental pós-11 de Setembro, lá fora o caos e "breaking news" sempre que alguém encontra um sapato desirmanado num aeroporto qualquer. A alegoria do paternalismo do poder político - e do seu reverso, a infantilização dos súbditos - expande-se por aqui. Lanthimos filma os gestos e os sinais que compõem este "regime", com um sentido de humor certo: uma canção de Frank Sinatra ("Fly me to the Moon") ouvida em família com o pai a fazer "tradução simultânea" (e na versão traduzida, Sinatra diz "que se porta bem" e, por isso, "o pai gosta dele").

Mas filma, sobretudo, a sua decomposição, o avançar do caos. As brechas que se abrem na relação dos miúdos com o "regime" - e que se abrem pelo desejo (o sexo, que começa por ser "organizado" e convencional, e se vai tornando "desregulado"), pela curiosidade (de ver o que está lá fora), pela vontade (de serem adultos), pela dúvida (de que as palavras não significam de facto o que o lhes dizem). Toda a força da sua descontrolada humanidade virada contra a educação e os condicionamentos: a Grécia anda tensa, como também sabemos.

## **Uma família arreganha os dentes contra o mundo**

30.07.2010 - Francisco Valente

**É da Grécia, neste preciso momento em que a Grécia voltou a ser o centro da Europa, que nos chega "Canino", retrato de uma família em luta contra a ameaça do mundo exterior. Vencedora, em 2009, do prémio Un Certain Regard, em Cannes, a segunda longa-metragem de Yorgos Lanthimos regressa agora a Portugal, um lugar onde já foi feliz**

### **A Grécia fechada em casa, sozinha contra o mundo.**

É assim que temos a temos visto: como um país na cauda da Europa, em luta pela sobrevivência e pelo reconhecimento internacional enquanto estrutura social possível, obrigada a seguir regras impostas pelo mundo exterior para reconquistar a legitimidade perdida e voltar ao bom caminho do crescimento económico exigido pela União Europeia.

É assim que a vemos também em "Canino", segunda longa-metragem de Yorgos Lanthimos (aqui co-argumentista, além de realizador), em que uma família luta contra a ameaça do mundo que a rodeia e que nunca vemos. Todo o filme, que em 2009 ganhou a secção Un Certain Regard do Festival de Cannes e também o prémio principal do Estoril Film Festival, se passa na agradável casa suburbana em que coabitam um casal e os seus três filhos adolescentes, quase adultos. Uma enorme cerca delimita o amplo jardim com piscina, impedindo a família de construir qualquer imagem do mundo exterior. As crianças nunca de lá saíram, não por não poderem, mas porque o mundo lá fora, segundo o que ouvem nas histórias dos pais, é demasiado perigoso. É um mundo



de monstros e de violência que apenas estarão prontos para encarar quando lhes cair o primeiro dente canino.

### **Qu'est-ce que c'est dégueulasse?**

"Canino" é um ensaio sobre como a linguagem, mais do que um instrumento de aprendizagem do mundo, pode ser uma forma de controlo parental da curiosidade, da imaginação e das pulsões dos filhos. Um "zombie" é uma pequena flor amarela, o "mar" é uma cadeira e uma "vagina" é uma grande luz, diz a mãe. Este é o mundo hipnótico de uma família que decide contornar a realidade e distorcê-la a seu favor.

A criação de um cativeiro parental é indissociável do controlo sobre a linguagem - e é uma ferramenta que não apenas os pais, mas todas as fontes de informação, utilizam, argumenta Lanthimos. "A linguagem é uma das principais formas que os pais têm de controlar os seus filhos. É uma das coisas mais importantes que temos, porque é a maneira como comunicamos e percebemos as coisas, a maneira como falamos uns com os outros." Esse poder, diz, começa na família, mas condiciona depois todo o processo de crescimento e a nossa colocação num lugar social. "Se o significado das palavras for alterado, conseguimos fechar as pessoas num certo ambiente. Interessou-me muito a maneira como nos servimos da linguagem para esconder coisas, a maneira como alimentamos as pessoas com informação e isso se transforma em conhecimento."

Se, para os adultos, ainda existe a possibilidade de escolher a informação recebida e a forma de a processar (apesar de, paradoxalmente, cada vez mais informação ser sinónimo de cada vez mais informação igual), as crianças estão absolutamente à mercê de uma educação. A família de "Canino", a pretexto de proteger as crianças do exterior, decide levar esse controlo ao extremo, lembrando a forma como os Governos autoritários controlam a comunidade através da propaganda política. Numa das cenas mais marcantes do filme, as crianças pedem para ouvir "a canção do avô": trata-se de "Fly me to the moon" de Frank Sinatra, tocada enquanto que o pai traduz a letra para os seus filhos e transforma a música num hino à autoridade parental e à obediência familiar. Lanthimos sublinha que começou por querer escrever uma história sobre uma família, mas que a comparação política tornou-se, também, num elemento importante da sua reflexão. "Acaba por ser inevitável associarmos a história ao lado político e à gestão mediática da informação."

### **A violência da concorrência**

A distorção da linguagem implica, por outro lado, um jogo físico permanente entre aqueles que possuem o poder de estipular os significados (os pais, donos do conhecimento) e aqueles que devem corresponder à aprendizagem (os filhos). Em "Canino", o dia das crianças é preenchido pela expectativa dos jogos teatrais montados pelos pais: testes de respiração debaixo de água, corridas, procura de objectos escondidos no jardim. Os vencedores são premiados, alimentando uma relação de competição que serve, de novo, como pretexto para a preparação para o mundo exterior inventado, mas que os concentra, também, na obtenção de um reconhecimento paternal que tarda em chegar, e do qual precisarão, a nível emocional, para saírem dos limites da sua casa.

Numa altura em que a Grécia é ela própria uma sociedade em risco pelos desvios à lógica da concorrência em que se baseia todo o espírito do capitalismo, Lanthimos recusa, contudo, que o seu filme constitua uma crítica. "A crise é provocada por um conjunto de coisas que se influenciam umas às outras, pela maneira como fazemos tudo funcionar, pelos objectivos que estão por trás e o ponto até ao qual estamos dispostos a ir. Não podemos dizer que a concorrência seja, em si, uma coisa má, pois também é responsável pelo nosso progresso enquanto sociedade." Um dos objectivos de "Canino", segundo o realizador, é precisamente mostrar a validade múltipla dos critérios da vida em família e em sociedade. "Não podemos dizer que existe uma coisa errada e outra boa. É exactamente isso que o filme nos diz. Não podemos dizer isso sobre nada."

A defesa, ou a aplicação radical, da nossa percepção do mundo pode ser tão violenta como os valores desta família. "A violência é uma parte importante da nossa sociedade. Tudo o que

encontramos no nosso dia-a-dia, na nossa família, nas nossas relações, é levado ao exagero no filme, mas a violência é uma parte importante disso tudo." Aqui, a violência surge, sobretudo, nos momentos em que os pais perdem fisicamente o controlo. "De repente, as pessoas sentem-se autorizadas a usar a força para obrigarem os outros a acreditar naquilo em que elas querem que acreditem."

### **A supressão dos impulsos**

No cativo de "Canino", o físico ganha uma importância central, mas uma importância totalmente desprovida de emoção. O sexo, explícito e mecânico, é meramente funcional. Lanthimos aborda-o não só a partir da perspectiva que é imposta pelos pais do filme (desprovida de paixão e, por isso, ultrapassando os limites morais do incesto), mas também a partir da perspectiva que lhe foi imposta pelos seus próprios pais, no seu país. "É algo que vem da minha infância. Hoje em dia, as coisas já não são assim, mas, há duas décadas atrás, havia a ideia, dentro das famílias, de que o pai se orgulharia se os seus filhos rapazes tivessem sexo." Um orgulho vedado às raparigas: "Era, simplesmente, um assunto tabu."

Em "Canino", os pais concentram-se nas necessidades físicas do filho de forma muito directa, ao entregar-lhe a única visita do mundo exterior, uma funcionária da fábrica do pai que vem cumprir os seus desejos sexuais. "É um mero cumprimento de uma função: está aqui, despacha-te com isso e pronto". O desabar dessa imagem começa quando as filhas vêem essa mesma pulsão a tomar conta dos seus corpos. "É tentar controlar uma coisa que, obviamente, nunca poderá ser controlada. O sexo e os instintos naturais das pessoas surgem de forma natural e, a partir de uma certa altura, toda essa estrutura vai abaixo."



Essa supressão psicológica que os pais procuram impor também foi necessária, no "plateau", para o resultado que o cineasta procurava nos actores. Lanthimos conseguiu com esse controlo interpretações cujo efeito ganha, por vezes, contornos bressonianos. "O Robert Bresson é um dos meus realizadores preferidos. Existe uma ligação com ele pela forma como evito, a todos os níveis, uma maneira psicológica ou mental de trabalhar com os actores, ou qualquer tentativa de explicar e discutir os seus sentimentos. Dirijo-os de forma física, fazendo exercícios e jogos com eles."

### **Um filme é uma perspectiva**

Independentemente do que possamos ver nesta casa, algures ali dentro está também aquilo que é a natureza implícita do cinema: uma visão que vem do conhecimento adquirido de um autor, que nos propõe uma maneira de observar aquilo que nos rodeia. "A mecânica do cinema é essa: uma câmara que grava coisas, a maneira como as vemos através del... Tudo depende das pessoas que usam o meio."

Se "Canino" nos mostra alguma coisa, é isto: não existe uma percepção correcta e uma percepção errada, não existe, porventura, nenhuma forma comprovada de ver ou de estar no mundo. "Temos de acreditar em tudo aquilo que nos disserem sobre coisas que não podemos, de facto, comprovar. Temos de acreditar no que certas pessoas nos dizem, e elas poderão estar enganadas sobre o assunto. Abre-se uma grande porta sobre as coisas que sabemos sobre o mundo. Serão verdadeiras as coisas em que acreditamos? Quem poderá dizê-lo?", questiona Lanthimos.

Quando o portão da casa desta família se abre, é também para esse desconhecido que vamos.